

# Formação Continuada de Professores: Uma ênfase cultural



## Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido

### 4. A teoria da Ação Antidialógica

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Paulo Freire, nesta parte da obra “Pedagogia do Oprimido”, descreve a teoria antidialógica como oposta à anterior, a da dialogicidade. Diz que enquanto na dialógica o diálogo real com a massa oprimida é fundamental, na ação antidialógica ele não ocorre e a intenção é a de, por esse meio, manter o estado de opressão. O capítulo apresenta como essa teoria é desenvolvida para a manutenção dos opressores no poder e como a ação dialógica pode trabalhar para a sua libertação.

Paulo Freire analisa a teoria de ação cultural de matriz antidialógica. Para isso, retoma uma afirmação de Lênin: “Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário” (LENIN *apud* FREIRE, 1987, p. 70) e reforça que o homem é o ser da *práxis*, que seu fazer é ação e reflexão, ambos incidindo sobre as estruturas a serem transformadas. Enfaticamente diz que, por isso, não há revolução só com verbalismo ou só com ativismo, mas com *práxis*.

Para a transformação da situação em que se encontram os oprimidos é necessária uma “teoria da ação transformadora” (FREIRE, 1987, p. 70) de todos. Chama a atenção para que as lideranças dos oprimidos não neguem a *práxis* a estes e caiam na contradição de, ao invés de agir conjunto, manipularem os oprimidos e traírem o objetivo de os fazer homens de ação. Os líderes devem cuidar para que no movimento de libertação não haja novamente a cisão entre a *práxis* da liderança e a das massas oprimidas. Esse é o caminho dos dominadores, sejam eles quais forem, e conduz a um clima sectário. Chama a atenção para os “golpes” das lideranças contraditórias que não estabelecem diálogos com a massa oprimida e diz: “Deles, o que se pode esperar é o engodo para legitimar-se ou a força que reprime” (FREIRE, 1987, p. 72).

Para chamar a atenção para a unicidade necessária entre reflexão e ação, chama de idealistas os que pensam que a simples reflexão sobre a realidade opressora já leve os oprimidos a se perceberem sujeitos. Diz que é necessário engajar, a partir da reflexão, uma ação transformadora. Também deixa clara a diferença entre ativismo e ação revolucionária. No ativismo existe uma massa liderada e na revolução existem sujeitos de ação libertadora, pois os homens se libertam em comunhão.

Para ele, uma liderança popular é aquela que desenvolve práticas com as massas e as leva ao conhecimento, à ação e à libertação. É uma prática dialógica com os oprimidos, efetivada pela comunicação. A liderança revolucionária se fecunda na comunhão a serviço da humanização. A ciência e a tecnologia podem ser meios para tornar os oprimidos sujeitos do próprio processo de humanização e opor-se à absolutização da ignorância.

Ao contrário, a ação antidialógica retira do sujeito a palavra, pois são considerados incapazes. É uma ação que exercita o poder, o gosto por mandar, por comandar, tornando o diálogo impossível.

Para Freire, os líderes que pensam que a revolução se faz primeiramente chegando ao poder, para depois educar as massas estão enganados, pois dessa forma, não é feita uma revolução com as massas, mas uma revolução de um grupo que supostamente está representando as massas. Para ele, esse tipo de revolução “nega o caráter pedagógico da revolução, como *Revolução Cultural*” (FREIRE, 1997, p. 76, grifo do original). Aponta que é o sentido pedagógico da revolução o capaz de evitar que o poder revolucionário se institucionalize, estratificando-se em burocracia. Que há o perigo dos líderes verem a revolução apenas como meio de dominação e se tornarem, eles próprios, elites dominantes. A partir daí, esses líderes se tornam agentes interlocutores entre os interesses das classes dominantes e a massa dominada. Esse processo pode acontecer sem seus líderes perceberem. Informa que alguns líderes sindicais podem exercer esse papel e continuar a mitificar a realidade para os oprimidos. Para ele, não basta a liderança movimentar as massas, é necessária a relação com estas e prepará-las, de forma conjuntamente, para a libertação da realidade mitificada em que vivem.

Paulo Freire (1987) trabalha os aspectos da teoria antidialógica em quatro tópicos: conquista; dividir para manter a opressão; a manipulação; e, a invasão cultural. Passaremos a comentar cada um deles.

## **Conquista**

Demonstra que o primeiro aspecto da ação antidialógica é a necessidade de conquista, pois a elite opressora necessita de elementos para sustentar a sua dominação. O dominador é, por princípio, antidialógico, mas pretende conquistar o oprimido e usa para isso, muitas formas, das mais sutis e adocicadas como o paternalismo, às mais duras e repressivas, como a dominação.

A conquista tem como resultado um sujeito objeto, um ser possuído, alienado, que vê o mundo como dado, como algo estático a que os homens devem se ajustar e não problematizar.

Ao contrário, na ação dialógica o diálogo é essencial em todo o tempo, pois vê que a libertação dos homens é um processo contínuo, pois eles estão sempre numa permanente ação libertadora.

## **Dividir para manter a opressão**

Dividir a classe oprimida e mantê-la dividida é condição indispensável à continuidade do poder da classe opressora. Estes utilizam-se dessa dimensão para que não haja ameaça à sua hegemonia e veem na união, na organização, na luta, um grande perigo. O que interessa na divisão feita pelos opressores é enfraquecer os oprimidos, ilhando-os e criando cisões entre eles.

Paulo Freire (1987) diz que, ao contrário, a prática dos conceitos de luta é indispensável à ação libertadora. Diz também que líderes sérios, mas ingênuos, deixam-se envolver no entendimento sobre o que importa para as massas oprimidas é a resolução de seus problemas 'locais'. Esses problemas são pulverizados nas 'comunidades locais', e, ao invés de proporcionar uma visão de totalidade e as condições destas comunidades de trabalhá-los na sua relação com as totalidades, dividem os problemas e os parcializam para que não tenham força de unidade. Essa é uma forma 'focalista' de ação que dificulta a percepção crítica da realidade como um todo.

Vê que a necessidade de dividir para facilitar a manutenção do estado opressor se manifesta em todas as ações da classe opressora e também em sindicatos, nos quais a classe opressora favorece certos 'representantes' da classe

oprimida, mas que no fundo são os seus representantes agindo para que esta não se una, pois, como afirma Freire (1987, p. 82) eles sabem que “unificados e organizados, porém, farão de sua debilidade força transformadora, com que poderão re-criar o mundo, tornando-o mais humano”.

## **Manipulação**

É outra das características da teoria da ação antidialógica e é usada para conformar as massas populares aos objetivos da classe opressora. As massas mais imaturas politicamente são as mais fáceis de serem manipuladas por meio de mitos comunicados e isso as impede de se organizarem. A manipulação é feita por meio de uma série de promessas enganosas. Para Paulo Freire (1987), o antídoto à manipulação está, justamente, na organização criticamente consciente que se faz por meio da problematização de sua posição de dominados. A manipulação é exercida por meio da ação antidialógica e tem o objetivo de anestesiá-las e impedir que estas pensem.

Paulo Freire é contra o líder populista e vê nele uma pessoa ambígua, que fica entre as massas e as oligarquias dominantes. Estes líderes se prestam ao papel de manipular as massas ao invés de lutar e contribuir para a sua organização. Só um líder que deixe de ser populista pode auxiliar o trabalho revolucionário que uma organização das massas pode desenvolver.

## **Invasão Cultural**

A invasão cultural é, como a manipulação, outro instrumento que é utilizado para ser efetivada a conquista das massas. Paulo Freire (1987) define a invasão cultural como a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo-lhes sua visão de mundo e impedindo a visão, a criatividade, a originalidade e a expansão de suas culturas. O propósito da invasão cultural é a alienação, a dominação econômica e cultural, a desvalorização de padrões de vida da massa popular e a intenção de amoldar os invadidos a novos padrões, novos modos de vida, demonstrando que os antigos valores eram intrinsecamente inferiores.

Para Freire, à medida que os invadidos vão se reconhecendo inferiores, vão dando valor e reconhecendo a suposta superioridade do invasor e passam a querer se vestir como eles, a andar como eles, a falar como eles, desprezando os seus padrões culturais.

Uma vez invadido culturalmente, é difícil para o oprimido ter força para romper com essa aderência. Chama a atenção para que as escolas, as universidades não sejam estruturadas na ótica das estruturas dominadoras, pois se o forem, serão lugares de formação de novos invasores. Chama a atenção também dos pais para que não criem filhos submissos ao autoritarismo familiar e, assim, formar crianças deformadas que, quando adultas, facilmente se acomodam à autoridade externa. Da mesma forma, fala aos professores cuidarem para não estabelecerem formas rígidas de relações e de não empregarem ordens verticais aos seus alunos. Se assim fizerem, estarão, com isso, aderindo a uma ação antidialógica e instalando nos alunos o medo da liberdade.

Freire aponta que para sair dessa situação de invasão cultural, há que ser feita a “revolução cultural” (FREIRE, 1987, p. 90). Esta revolução é feita pela ação cultural dialógica que toma em consideração a importância da reconstrução da sociedade na sua totalidade. Essa reconstrução será feita por meio do poder revolucionário que é o poder de todos, e não de alguns líderes. Nessa ação revolucionária, Paulo Freire diz que a ciência e a tecnologia devem estar a serviço da libertação permanente do homem e de sua humanização e aponta que:

Na medida em que a conscientização, na e pela “revolução cultural”, se vai aprofundando, na práxis criadora da sociedade nova, os homens vão desvelando as razões do permanecer das “sobrevivências” míticas, no fundo, realidades, forjadas na velha sociedade” (FREIRE, 1987, p. 91).

Após estas análises em torno da ação antidialógica, Paulo Freire (1987) reafirma a impossibilidade de a liderança revolucionária usar os mesmos procedimentos antidialógicos dos opressores e que o caminho é o diálogo, isto é, uma comunicação permanente e dialógica com as massas.

### **A teoria da ação dialógica e suas características: a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural**

Nesta parte do capítulo, Paulo Freire trabalha cada uma das características da teoria da ação dialógica.

### **Co-laboração**

Na teoria da ação dialógica os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração. Não há nessa teoria, um sujeito que domina e um objeto dominado, mas “sujeitos que se encontram para a *pronúncia* do mundo, para a sua transformação” (FREIRE, 1987, p. 96, grifo do original).

A co-laboração se realiza na comunicação e na ação dialógica, isto é, o diálogo funda a co-laboração e não se impõe, não maneja e não domestica. Ao contrário, é pela ação dialogada que a realidade é problematizada para uma ação de transformação. A ação dialógica exige que a ação revolucionária não prescindida da comunhão com as massas populares.

### **Unir para a libertação**

A ação para a libertação se dá na *práxis*. Para a liderança revolucionária a unidade das massas é a razão de sua comunhão com elas e objetiva proporcionar o reconhecimento do porquê e do como se exerce a *práxis*. Esse porquê é, fundamentalmente, a transformação da realidade injusta.

Nesse processo os homens se descobrem e essa descoberta lhes dá significado como seres transformadores da realidade. Não são mais vistos como “quase-coisas”, mas como homens que podem deixar a condição de oprimidos por meio do corte da ligação com o mundo do opressor. As formas de ação cultural têm o mesmo objetivo: “aclara aos oprimidos a situação objetiva em que estão, que é mediatizadora entre eles e os opressores, visível ou não” (FREIRE, 1987, p. 101).

### **Organização**

A teoria da ação dialógica busca organizar as massas populares para a sua libertação, reconhecendo o momento histórico em que vivem. Aqui não há manipulação, mas união e igualdade na organização. Organização não é

justaposição de indivíduos, não é imposição arbitrária, é ação revolucionária que objetiva a libertação, a transformação.

## **Síntese Cultural**

O que pretende a ação cultural dialógica é a superação das contradições que dificultam a libertação do homem. A síntese cultural pretende a integração dos homens do povo e sua ação no mundo e se apresenta como instrumento de superação da cultura alienante. Nesse sentido, a investigação dos temas geradores tem como objetivo organizar o conteúdo programático que se instaura como ponto de partida do processo da ação libertadora, do restabelecimento do clima de criatividade, do fortalecimento da análise crítica. Estes aspectos são essenciais para que ocorra a síntese cultural. Nesta nasce um saber novo, uma ação nova, uma ação transformadora e uma cultura que desaliena. A síntese cultural nega a invasão de uma cultura sobre outra e fortalece a cultura das massas.

Para Paulo Freire (1987, p. 105), “toda revolução, se autêntica, tem de ser também revolução cultural”. Diz que todo esforço da obra “Pedagogia do Oprimido” foi o de falar de algo óbvio: “assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos para se libertarem, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação” libertadora (FREIRE, 1987, p. 107).

Esse foi o propósito do livro e a argumentação desenvolvida, toda a sua fundamentação foi feita para preparar os educadores para o desempenho de uma ação problematizadora no processo de alfabetização.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.